

O QUE É O ÉBOLA E QUE PAÍSES SÃO AFECTADOS?

A febre hemorrágica de Ébola é uma enfermidade viral aguda com origem na África Central e Ocidental, de elevada letalidade e de grande risco de contágio para os humanos. Apesar de alguns medicamentos se encontrarem em fase experimental, não existe atualmente tratamento nem vacina para esta doença (CDC 2014).

Nos seres humanos, a transmissão da doença acontece através do contacto direto com sangue, secreções, órgãos de pessoas ou animais infectados, ou do contacto indireto com ambientes contaminados por sangue ou outros fluidos orgânicos de pessoas/animais infectos. Cerimónias fúnebres e o contacto direto de familiares e pessoal sanitário com doentes têm sido até agora as situações mais condutivas de contágio. Medidas de prevenção da transmissão incluem a quarentena dos locais infectados, o abate dos animais infectos e proibição de consumo de carne de animais selváticos, redução do contacto direto com pessoas infectadas e uso de proteção, como luvas e equipamento protetor adequado lavagem regular de mãos e pés após visitas em hospitais, enterro rápido e seguro das pessoas que morrem pela doença (WHO 2014).

No passado, registaram-se episódios epidémicos em vários países Africanos. Nesta epidemia, apenas cinco países da África Ocidental têm registado casos e mortes relacionados com a doença, nomeadamente Guiné Equatorial, Serra Leoa, Libéria, Senegal e Nigéria. Nos últimos meses, também Espanha e Estados Unidos da América foram atingidos pelo contágio. As zonas geográficas que partilham fronteiras com estes países estão expostas a maior risco de contágio; contudo, a experiência com epidemias anteriores mostra que o contágio poderá atingir rapidamente países distantes com os quais se estabeleçam ligações comerciais (WHO 2014).

O QUE SE SABE SOBRE O SEU IMPACTO ECONÓMICO?

Ainda é cedo para fazer previsões sobre o impacto económico do ébola, mas o estudo de epidemias anteriores (em particular, a da SARS e Gripe A-H1N1) mostrou que as suas consequências económicas foram superiores ao que se previa, e que 80% do impacto estimado esteve relacionado com as consequências de restringir o movimentos de pessoas, bens e serviços por medo do contágio (Lee and McKibbin 2004).

No caso desta epidemia de ébola na África Ocidental, estima-se que possa reduzir entre 2.1 e 3.4% do Produto Interno Bruto dos cinco países afectados (The World Bank 2014). Estas estimativas têm em conta, por um lado, os chamados 'custos directos' da epidemia relacionados com a mortalidade, custo do tratamento da doença para os serviços nacionais de saúde, e de contenção da doença na população. Por outro lado, as estimativas apontam para o impacto 'indirecto' da epidemia na produtividade do país, relacionado com o absentismo laboral, a inflação dos preços dos produtos alimentares, a especulação sobre aqueles produtos que se tornam de repente escassos – por exemplo o cacau da Costa do Marfim - e a volatilidade das taxas de câmbio de moedas frágeis (Wexler 2014).

MENSAGENS CHAVE

- O estudo de epidemias passadas mostra que o impacto económico mais importante do ébola estará relacionado com as restrições a movimentos de pessoas e transações económicas introduzidas para travar o contágio
- Várias medidas macro, meso e micro podem ser operacionalizadas por vários intervenientes, com vista a garantir suporte humanitário, apoio fiscal, equipamento para rasteio e testagem do vírus e reforço da vigilância e informação epidemiológicas
- É fundamental que os governos nacionais não fomentem pânico nos operadores económicos, mas sim demostrem controle da situação, através do reforço do sistema de quarentena em portos e aeroportos, da comunicação regular da evolução da epidemia e de incentivos económicos para manter abertas rotas comerciais aéreas e marítimas



Contudo, os custos maiores da epidemia parecem mesmo derivar dos comportamentos relacionados com o pânico e com o medo que se instala na população e nos decisores devido a uma doença que ainda não tem tratamento – o chamado “comportamento de aversão ao risco de contágio” (The World Bank 2014). Este medo conduzirá os operadores económicos e os governos nacionais a suspender qualquer transação económica com os países afectados, fechando fronteiras, cancelando voos, e interrompendo o fornecimento de mercadorias desde e para os países infectados. Talvez o efeito mais evidente desta reação de pânico seja o comportamento das multinacionais estrangeiras que, paulatinamente, retiram o seu pessoal mais qualificado de sectores como a mineração ou o petróleo, interrompendo a produção em sectores influentes da economia de um país.

O QUE SE PODE FAZER PARA MINIMIZAR O IMPACTO ECONÓMICO DA EPIDEMIA DE ÉBOLA?

Os governos e os operadores económicos nacionais e internacionais podem adoptar um conjunto de medidas para minimizar o impacto das epidemias. A nível ‘macro’, a comunidade internacional deve intervir para garantir: (1) suporte humanitário e; (2) apoio fiscal. A nível ‘meso’, os governos nacionais podem atuar de forma a reduzir o medo do contágio: (3) garantindo equipamento para rastreio e testagem do vírus em portos e aeroportos, e; (4) reforçando os mecanismos de vigilância e informação epidemiológicas (The World Bank 2014).

Os governos devem tentar encontrar um equilíbrio entre a urgência de introduzir medidas para conter o contágio e a criação de pânico e interrupção desnecessária dos fluxos de bens e serviços (The Economist 2014). Neste sentido, a transparência da informação sobre a situação da epidemia permite aos governos projetar uma imagem positiva de estarem em controle da situação.

Outras medidas podem permitir, a nível ‘micro’, reduzir a incerteza sobre o contágio e seus efeitos, bem como o consequente pânico dos operadores económicos (Over 2014), nomeadamente:

- Criar instalações de quarentena em portos e aeroportos;
- Comunicar regularmente a evolução da epidemia através de órgãos de informação especializados;
- Criar incentivos económicos para o pessoal de aviação que opera em países de risco (o chamado *hazard pay*), para garantir a manutenção das rotas aéreas;
- Subsidiar as despesas adicionais que as companhias aéreas e de transportes possam ter na manutenção destas rotas.

LINKS ÚTEIS

World Health Organization’s Ebola Response Road Map em Francês: www.who.int/csr/resources/publications/ebola/response-roadmap/fr/

Centres for Disease Control’s perguntas frequentes sobre ébola: www.cdc.gov/vhf/ebola/outbreaks/guinea/qa.html

Centre for Global Health’s blog sobre ébola: www.cgdev.org/tags/ebola

REFERÊNCIAS

CDC. 2014. “Ebola Response.” Centers for Disease Control and Prevention. www.cdc.gov/

Lee, Jong-Wha, and Warwick J. McKibbin. 2004. “Estimating the Global Economic Costs of Sars” www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK92473/

Over, Mead. 2014. “Five Steps to Reduce the Economic Impact of Ebola.” Center For Global Development. Accessed September 17. www.cgdev.org/blog/five-steps-reduce-economic-impact-ebola

The Economist. 2014. “Unintended Consequences.” The Economist, September 6. www.economist.com/news/middle-east-and-africa/21615641-quarantines-are-hampering-fight-against-epidemic-unintended-consequences

The World Bank. 2014. “Ebola: Economic Impact Already Serious; Could Be ‘Catastrophic’ Without Swift Response by Countries and the International Community—World Bank.” Press Release. www.worldbank.org/en/news/press-release/2014/09/17/ebola-economic-impact-serious-catastrophic-swift-response-countries-international-community-world-bank

Wexler, Alexandra. 2014. “Cotton Tumbles to Near 5-Year Lows; Cocoa Surges.” Wall Street Journal, September 22, sec. Markets. online.wsj.com/articles/cotton-futures-fall-as-china-curbs-im-ports-1411396722

WHO. 2014. “WHO | Ebola Virus Disease.” WHO. Accessed September 17. www.who.int/mediacentre/factsheets/fs103/en/

Para mais informações, contactar: Giuliano Russo – grusso@ihmt.unl.pt